

Os Estados da Arte Dissidente na Continuidade com a Tradição Oasqueira

Wagner Lins Lira



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/1357>

DOI: 10.4000/pontourbe.1357

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Refêrencia eletrónica

Wagner Lins Lira, « Os Estados da Arte Dissidente na Continuidade com a Tradição Oasqueira », *Ponto Urbe* [Online], 5 | 2009, posto online no dia 31 dezembro 2009, consultado o 02 maio 2019. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/1357> ; DOI : 10.4000/pontourbe.1357

Este documento foi criado de forma automática no dia 2 Maio 2019.

© NAU

Os Estados da Arte Dissidente na Continuidade com a Tradição Oasqueira

Wagner Lins Lira

“O mundo da dinâmica é o mundo do divino”
(Prigogine & Stengers, 1986, p. 204).

- 1 Localizada no Município de Riacho das Almas, pertencente ao estado de Pernambuco, essa irmandade vem desenvolvendo seus trabalhos com ayahuasca desde o ano de 1998, quando inicialmente foi um dos núcleos representantes do Centro Espiritualista União do Vegetal (CEUDV), uma dissidência udevista surgida em Manaus por volta do ano de 1995. A SEUDV é representada atualmente pelo mestre Sebastião Patrício de Barros e recebe em média vinte pessoas por sessão. Como em toda esfera udevista, este grupo tem como lema a luz, a paz e o amor. O trabalho espiritual desenvolvido nessa sociedade é conduzido e norteado a partir dos ensinamentos do mestre José Gabriel da Costa, o fundador da União do Vegetal. Os rituais com ayahuasca na SEUDV giram em torno da profunda reflexão pessoal dos adeptos que os leva às mudanças de atitudes individuais e coletivas. Seus participantes encaram o Vegetal como um caminho possível no encontro com o divino. Preocupam-se com o entendimento da natureza e do universo, em seus múltiplos sentidos. Como em toda esfera ayahuasqueira, o chá é considerado um “*grande professor*”, que com sua “*pedagogia peculiar*”, ensina o ser humano a viver na contemporaneidade.
- 2 Antes de abordarmos as atuais mobilizações desses oasqueiros¹, se faz necessário um curto levantamento histórico para que o leitor possa ficar a par das diversas fases percorridas pelos fundadores desse “sistema udevista”. Ao longo dessa comunicação, iremos considerar como sistema udevista todo grupo derivado da linha doutrinária estabelecida pelo mestre José Gabriel da Costa, o fundador do Centro Espírita Beneficente União do Vegetal. Veremos que a SEUDV apresenta-se como um novo sistema, originário de uma dissipação e que procura não se distanciar de sua matriz fundadora². A dissidência, nesse caso, se dá no âmbito institucional e não no campo espiritual, visto que, toda a irmandade procura seguir à risca as doutrinas e ensinamentos estabelecidos pelo mestre Gabriel.

1.1 O começo

- 3 Em meados do mês de abril do ano de 1991, o atual representante da SEUDV mestre Patrício e sua esposa, Yonny Barros, tiveram o primeiro contato com o chá ayahuasca por meio da União do Vegetal no núcleo Pau D'arco em Terra Vermelha (PE). Depois desse encontro com a beberagem o casal passou a freqüentar as sessões desse núcleo udevista durante quatro anos seguidos, nos quais, chegaram a se filiar no quadro do Corpo Instrutivo da mesma instituição. Algumas divergências pessoais e institucionais permitiram o futuro distanciamento do mestre Patrício e de sua esposa Dona Yonny. Os relatos indicam que o suposto “rigor”, exercido por alguns membros da instituição, teria sido um dos fatores primordiais para tal afastamento.

Isso, porque tudo era do modo deles, como eles queriam. Só eles tinham a razão e a certeza da verdade. Eram muito radicais nesse sentido. Muito autoritários e isso desgostou muita gente. Os primeiros que saíram fomos nós, que saímos e ficamos dois anos afastados. Saímos em 1995 e um ano depois que nós saímos (1996), também saíram outros. (Mestre Patrício)

- 4 Goulart (2004, p. 20) afirma que o **campo ayahuasqueiro** brasileiro manifesta-se de acordo com o conceito de **campo** formulado por Pierre Bourdieu (1990, p. 119), para quem os campos sociais, sejam eles médicos, estéticos, políticos ou religiosos são espaços onde ocorrem inúmeros **jogos** que envolvem disputas de poder, na definição das regras desses mesmos jogos. As entidades ayahuasqueiras, segundo Goulart (2004, p. 20), constituem partes distintas de um mesmo campo religioso, que disputam entre si para definir as práticas ideais referentes à legitimidade social desse campo específico. Bourdieu (1990), segundo Goulart (2004, p. 20), analisa minuciosamente a relação existente entre sistemas religiosos e estrutura social. Todavia, a análise desse campo torna-se possível mediante a demarcação de fatores externos, que nos remete à estrutura social, e das interações individuais, como relações de poder e força, que podem interferir nos grupos inseridos nesse campo.
- 5 As regras do jogo já foram lançadas, então cabe às entidades “*dançar conforme a música*”, procurando reforçar suas regras, tornando-se cada vez mais rígidas, institucionalizadas, reservadas e de acesso restrito. As práticas simbólicas deixadas pelos mestres fundadores são tidas como referenciais por serem consideradas verdades únicas e incontestáveis. A legitimidade passa a ser alegada de acordo com essa proximidade tradicional. Logicamente, dentro desse jogo são comuns as acusações entre os grupos e a disputa pelas legitimidades das irmandades que, na maioria das vezes, concorrem entre si jogando esse jogo do campo, pensado por Bourdieu (1990). Obviamente existem àqueles que discordam dessas regras e interpretam as atitudes dos líderes representantes das irmandades, como autoritárias, surgindo então acusações internas ao grupo como, por exemplo, a de monopólio das verdades, rigor e intolerância para com os demais adeptos “subordinados”. Cria-se então um pequeno foco de tensão, devido à insatisfação de alguns, mediante as relações de força e de poder dos líderes representantes, que nada mais fazem do que cumprir com as regras do jogo. O sistema religioso pode ser bruscamente afetado devido a tais fatores internos, geradores de dissipações.
- 6 Em nosso caso particular, no ano de 1997, as pessoas que se afastaram dos quadros que preenchiam no núcleo udevista Pau D'arco, cerca de doze adeptos, decidiram unir forças para adquirir o Vegetal. Alguns destes eram mestres antigos da União que também pediram afastamento devido a determinadas insatisfações pessoais e ideológicas com os

líderes da instituição. Entre eles, encontrava-se o mestre Raimundo Neto, um dos que trouxeram o Vegetal para o estado de Pernambuco na década de 1980³. Esses oasqueiros recém desvinculados tentaram conseguir a bebida através de alguns contatos com grupos ayahuasqueiros alternativos na Paraíba, mas não foram bem sucedidos. Ainda em 1997 eles estabeleceram contato, em Recife, com o médico Régis Alain Barbier, o fundador da Sociedade Panteísta Ayahuasca⁴. Barbier é um ex-udevista que também se afastou da UDV para fundar um grupo próprio e auto-suficiente na produção da bebida.

Então surgiu a orientação desse médico, Barbier, para procurarmos Asplinger, o mestre geral do Centro Espiritualista União do Vegetal (CEUDV) localizado em Manaus. Asplinger também tinha tido problemas com a UDV, por sinal foi ele quem criou um dos núcleos da UDV em Manaus do zero até a construção final. Ele nos forneceu o Vegetal, pois já trabalhava por conta própria há uns dois anos com o CEUDV, um grupo dissidente. Foi assim que começamos.

(Mestre Patrício)

- 7 Então em 1998 foi inaugurada, em Riacho das Almas (PE) mais uma filial do Centro Espiritualista União do Vegetal que na época tinha representações em Fernando de Noronha, Salvador, São Paulo e Belo Horizonte. A sede, em Manaus, liderada pelo mestre Asplinger, era a grande responsável pela distribuição do Vegetal para os demais núcleos espalhados pelo país. Labate (2004) ao analisar as novas modalidades de consumo da ayahuasca nos centros urbanos, elabora o conceito de **rede ayahuasqueira** na tentativa de acompanhar os fenômenos emergentes nesse campo religioso. Essa rede, segundo a autora, seria um espaço construído pelas entidades ayahuasqueiras em geral, que regulam o uso e a distribuição do enteógeno, por meio de suas práticas tradicionais elaboradas pelos principais líderes fundadores⁵. É comum à rede ayahuasqueira o trânsito constante de idéias, músicas, pessoas e substâncias envolvidas nas práticas do campo ayahuasqueiro. A relação entre os componentes desse campo é marcada pela sacralidade da bebida assim como por disputas de poder direcionadas à legitimidade de cada grupo, como vistos em Bourdier (1990) e Goulart (2004).
- 8 Podemos observar, no caso dos dissidentes em questão, a construção de algumas ramificações emergentes nessa rede de relações e que permitem a manutenção de um tecido cultural vivo, no qual também notamos um constante fluxo de pessoas, idéias e substâncias. Veremos mais adiante, que os pontos que ampliam essa rede são formados a partir do surgimento de novos grupos, quase sempre oriundos de dissipações das matrizes comuns ayahuasqueiras, principalmente daimistas e udevistas. No caso específico dos núcleos representantes da dissidência denominada CEUDV, a administração e o consumo desse chá sempre foram mantidos e reservados aos padrões doutrinários estabelecidos pelo mestre José Gabriel da Costa, líder espiritual e fundador da União do Vegetal, mesmo as irmandades estando fora da instituição oficial CEBUDV.
- 9 O núcleo pernambucano do CEUDV continuou com os trabalhos, inicialmente, com poucas pessoas, depois outros foram tomando conhecimento até que passaram a receber cerca de trinta pessoas por sessão. As reuniões sempre aconteceram na propriedade do Patrício, em Riacho das Almas (PE). Inclusive o templo, o refeitório, os banheiros, a fornalha onde é cozido o Vegetal, foram por ele construídos com recursos próprios. Patrício não chegou a ser mestre na UDV. O CEUDV em Riacho das Almas, inicialmente, foi representado pelos mestres Asplinger e Raimundo Neto. Patrício não era mestre, mas um discípulo empenhado e conhecedor de muitos segredos do Vegetal, devido às suas vivências nas doutrinas do mestre Gabriel. Isso fez com que esses mestres mais antigos dessem a permissão para que Patrício orientasse os trabalhos como mestre representante⁶ por volta

do mês de agosto de 2001. O acordo foi feito até pela necessidade de preencher os quadros e as funções do núcleo em formação, na época uma filial do CEUDV.

- 10 A representação do CEUDV, em Riacho das Almas, durou quase nove anos. No mês de novembro de 2007 outras insatisfações e acusações pessoais decorrentes de algumas discordâncias com a sede geral, permitiram o afastamento do mestre Patrício e da irmandade, que decidiram romper as relações estabelecidas com o mestre Asplinger e seguir um caminho próprio nos trabalhos com ayahuasca, mas sem esquecer os preceitos doutrinários da União do Vegetal.

Quando nos desligamos do CEUDV, nós dissemos para todos que não queríamos apoio. Iríamos continuar com o mestre Gabriel só que com outro nome. Eu pedi, inclusive, para que a irmandade analisasse, falei que estavam livres para procurar a UDV ou formar um novo grupo para dar prosseguimento ao CEUDV. Quem quisesse continuar conosco, na próxima sessão de escala, depois do dia primeiro de dezembro (2007), era só aparecer aqui, mas não estávamos querendo apoio de ninguém. Nessa sessão vieram umas vinte e poucas pessoas e todos eles nos apoiaram, mesmo a gente agindo dessa forma.

(Mestre Patrício)

- 11 Então foi fundada em fevereiro de 2008 a Sociedade Espiritualista União do Vegetal (SEUDV) mais um novo grupo firmado nos ensinamentos do mestre Gabriel. Mestre Patrício foi quem recebeu a idéia do nome (SEUDV). Segundo ele, a denominação simplesmente surgiu enquanto meditava sob o efeito do Vegetal.

Então eu pensei em continuar dando o Vegetal a mim, à minha companheira e mais alguém que quisesse continuar conosco. Então a primeira coisa que veio na cabeça foi um nome para o centro. Eu passei uns três dias analisando e de repente eu estava ali numa sessão, de burracheira⁷ e esse pensamento veio; Sociedade Espiritualista. Aí logo depois que terminou a sessão, eu falei para alguns daqui e todos gostaram do nome. Alguém até perguntou porque eu não coloquei Sociedade Espírita, mas eu falei que esse nome foi recebido desse jeito, além do que do jeito que está, espiritualista, tem uma maior abrangência e não fica limitado a uma só vertente do espiritismo e sim tudo àquilo que abranja o espírito.

(Mestre Patrício)

- 12 O grupo recebeu algumas visitas dos antigos mestres do CEUDV, nas quais o afastamento foi formalizado. Aqui foi interessante notar a dissidência dentro da dissidência e, logicamente, essa dinâmica mostra-se complexa e conturbada. Diante de tal situação conflituosa, o antropólogo deve registrar e saber que o conflito existiu, levando em consideração, que tais confrontos são inerentes ao comportamento humano e, principalmente ao campo religioso como pensados por Bourdieu (1990) e Goulart (2004). Seja em que âmbito for o conflito existirá, e deve-se estar muito atento não só às causas, como também, às conseqüências desse conflito. Até então, a conseqüência maior, na SEUDV, tem sido a redução nos quadros institucionais dessa sociedade oasqueira, pois alguns mestres e adeptos se desligaram da irmandade, após o rompimento com o CEUDV.

Muitos saíram depois disso, mas é natural. Divergências de ponto de vista existem, existiram e sempre vão existir enquanto os humanos viverem em sociedade. Por isso não vai haver nunca um só pensamento. O importante é saber superar as divergências. E isso é o que estamos tentando fazer aqui e estamos buscando. Não vamos parar.

(Mestre Patrício)

- 13 Antes, eles recebiam em média trinta pessoas por sessão, agora o sítio é freqüentado por aproximadamente vinte pessoas. O quadro de mestres e conselheiros foi consideravelmente reduzido. Atualmente o grupo conta apenas com quatro mestres e seis

conselheiros. A maioria dos adeptos é composta por iniciantes e freqüentadores ocasionais. Dessa forma, os trabalhos rituais com ayahuasca continuam, sendo o conflito nada mais do que uma situação histórica na qual a irmandade esteve inserida, portanto interessa-nos saber, além de tudo, o porquê da continuidade com a tradição udevista, apesar da série de conflitos emergentes no histórico dessa sociedade oasqueira.

1.1.2 O velho novo

- 14 A trajetória histórica da SEUDV nos dá uma noção de alguns processos emergentes no campo ayahuasqueiro brasileiro. Os acordos, conflitos e fragmentações detêm uma lógica que não pode ser descartada dessa análise. As disputas de poder são inerentes ao uso religioso e ritual desta bebida enteógena, cuja distribuição e produção encontram-se “controladas” pelos procedimentos rituais oriundos, principalmente, das matrizes ou linhas daimistas e udevistas (Labate, 2004). Nesse caso, o uso ritual do chá passa a ser legitimado pela antiguidade e proximidade com a tradição. Mesmo longe dos “grupos tradicionais” (daimistas e udevistas) os novos grupos não deixam de adquirir a bebida nos circuitos rituais que englobam rígidos trabalhos físicos e mentais por parte de toda a irmandade, que unida elabora a infusão a partir dos rituais de preparo da beberagem. O “controle social” deste enteógeno também está ligado, principalmente, aos meios de sua obtenção. Quando algo foge desses padrões “oficiais” tende a gerar certa desconfiança diante daqueles mais antigos, que não encaram como legítimos os trabalhos dos dissidentes.
- 15 A dinâmica desta tensão pode ser entendida ao pensarmos que o campo ayahuasqueiro manifesta-se de acordo com as **redes sociais**. Uma rede social pode ser compreendida como uma das inúmeras formas de representação das relações sociais entre humanos, que compartilham de interesses e objetivos comuns. Dentro dessa lógica existem múltiplas redes sociais que são construídas e se interconectam cotidianamente (Barnes, 1972; Both, 1976 e Capra, 2002). Levando em consideração o conceito de rede como epistemologicamente viável à nossa análise, podemos afirmar que os pontos de uma rede social se formam, principalmente, pela comunicação e organização de processos simbólicos semelhantes. Para Fritjof Capra (2002, p. 91), a existência dessas redes gera as múltiplas identidades sociais observáveis.
- O sistema de valores e crenças comuns cria uma identidade entre os membros da rede social. Identidade essa baseada na sensação de fazer parte de um grupo maior (...). A rede social intercambia suas comunicações dentro de um determinado limite cultural, o qual é continuamente recriado e renegociado por seus membros.
- 16 A relação entre os nós destas redes pode ser harmônica ou tensional, pois como vimos, todas as redes parecem ser formadas a partir de interesses comuns aos indivíduos que as constituem. “*Numa rede social, os diferentes nós podem ter tamanhos diversos, de modo que são comuns nessas redes as desigualdades políticas e as relações de poder assimétricas*” (Capra, 2002, p. 149). O conflito surge quando divergem os interesses dos nós dessas teias de relações. Considerando o nosso caso específico e pensando no conceito de rede formulado por Labate (2004), podemos afirmar que o campo ayahuasqueiro brasileiro manifesta-se de acordo com a rede ayahuasqueira, que se conecta entre os nós emergentes a partir do surgimento dos grupos. Os primeiros e principais nós inseridos nessa teia específica de relações culturais são constituídos pelas três principais religiões da ayahuasca.
- 17 É plausível a afirmação de que outros nós são construídos decorrentes do surgimento de novos grupos ayahuasqueiros. Outros nós tendem a surgir, mas costumam manter

proximidade dos nós principais, entendidos como tradicionais. Cada ponto dessa rede, cada nó pontuado dessa extensa malha social está interconectado, de modo que a ação de um único nó pode interferir nos demais⁸. Para conseguir ou garantir um lugar nesse campo, constituído por essa rede que já possui os seus “nós principais” (daimistas, UDV e Barquinha), os novos grupos costumam mudar de posição, até se estabelecerem dentro dessa teia de relações. Mudar de posição, no campo ayahuasqueiro, significa romper relações institucionais com as matizes originais (nós principais) e seguir um caminho próprio na comunhão da bebida, continuando ou não fiel às tradições. Lembrando que tal rompimento é conflituoso, pois esta é a principal característica dos processos de passagem nos quais desvios e turbulências são inerentes. Quando se afastam dos “nós principais”, os novos grupos assumem uma delicada posição social, pois teoricamente, seus trabalhos com ayahuasca são tidos como ilegítimos.

- 18 Os neo-ayahuasqueiros estudados por Labate (2004) encontram-se numa posição ambígua em relação ao campo ayahuasqueiro brasileiro e à sociedade como um todo, visto que, seus trabalhos com ayahuasca podem ser interpretados como ilegítimos a partir do momento em que tais grupos não se mantêm ligados diretamente às instituições oficiais, possuidoras de um conjunto de saberes adquiridos a partir da tradição simbólica, compartilhada pelas principais religiões ayahuasqueiras. Todavia os oasqueiros da SEUDV, mesmo diante dos conflitos e dissipações subseqüentes ao surgimento desse núcleo, mantêm-se fortemente ligados à doutrina udevista, não abrindo mão dos ensinamentos do mestre Gabriel. Isso os faz alegar a posição de legítimos, por estarem ligados espiritualmente ao líder fundador dessa tradição. Um reforço no processo dessa legitimidade surge com a independência em relação à produção do chá, a partir do momento em que se mostram merecedores de administrá-lo, quando conseguem produzi-lo.
- 19 Antes disso, foi necessário um forte convívio, dos mestres fundadores, na instituição oficial udevista, onde muitos passaram décadas nesse sistema de crenças, aprendendo e convivendo com a espiritualidade conectada, por intermédio da comunhão dessa bebida. Motivos diversos fizeram com que alguns conflitos existissem e pontos turbulentos ocasionaram desmembramentos e dissipações ao longo da trajetória histórica dessa irmandade dissidente. A mudança de posições foi amplamente recorrente, pois acordos e desacordos institucionais lançaram esse sistema religioso a alguns estados de turbulência.
- 20 Pensando nas noções de **rito de passagem**, a partir dos estudos de Van Gennep, Victor Turner (1974) indicou a existência de três fases percorridas diante da mudança de uma posição para outra. Durante a passagem existe a **separação**, a **liminaridade** e a **reintegração**, quando a pessoa retorna dessa trajetória conflituosa inerente às mudanças de posições. A separação pode surgir a partir de um estímulo capaz de promover a mudança, que lança o indivíduo ao estado de liminaridade. Essa zona de transição:
- (...) freqüentemente é comparada à morte, ao estar no útero, à invisibilidade, à escuridão, à bissexualidade, às regiões selvagens e a um eclipse do sol ou da lua. As entidades liminares podem ser representadas como se nada possuíssem (Turner, 1974, p. 117).
- 21 Os ritos de passagem, de acordo com Turner (1974), promovem constantes mudanças de posições individuais em relação à estrutura social. Os conceitos de separação, liminaridade e reintegração, pensados pelo autor, definem os processos de passagem como um renascimento. Ao mudar de status durante tal processo turbulento, o indivíduo é primeiro, distanciado da estrutura social (separação), como se deixasse de existir na

posição anterior que ocupava na sociedade ou simplesmente morresse. Esse é o processo liminar no qual o sujeito encontra-se desprovido de status, fora da sociedade, num espaço anômico e de difícil classificação, onde emergem os sentimentos de medo, preocupação, estranhamento, igualdade e humildade. Em seguida, o indivíduo retorna dessa zona liminar, sendo reintegrado à estrutura social ocupando, dessa forma, um novo status, uma nova posição como se o sujeito renascesse.

- 22 Essa breve leitura de Turner (1974), de certa forma, nos permite traçar um paralelo metafórico e comparativo em relação às situações de passagem presentes no histórico da SEUDV. Mesmo em não se tratando da imersão de indivíduos específicos em ritos de passagem pertencentes à cultura Ndembu, podemos considerar a SEUDV como uma entidade social, que constantemente mudou de status e posição numa complexa dança criativa de separação, liminaridade e reintegração, comum aos jogos de poder do campo ayahuasqueiro.
- 23 Ilya Prigogine e Isabelle Stengers (1986, p. 214) ao analisarem os sistemas, a partir dos estudos físico-químicos, consideram duas fases primordiais da dinâmica das trajetórias. O sistema, mantido longe do equilíbrio, apresenta fases de **instabilidade** e **estabilidade**. Tal dinâmica, para estes autores, possui caráter irreversível e compartilha do desvio do equilíbrio, auxiliado pelas **estruturas dissipativas**⁹. Longe do equilíbrio o sistema tende a se readaptar e se ajustar tanto às perturbações do ambiente, quanto às do próprio sistema. Caso o sistema não consiga se adaptar, normalmente originam-se novas estruturas com outros níveis de complexidade.
- 24 As estruturas dissipativas favorecem o desequilíbrio. São perturbadoras, radicais, indesejáveis e são sempre combatidas, pois um sistema em repouso e estabilizado tende a não se mover. A perda do equilíbrio promove o surgimento de pontos de instabilidade. É quando emergem certas **zonas de perturbação** no sistema que para Prigogine & Stengers (1986) são as **flutuações**. Essas flutuações podem ser automaticamente combatidas ou podem ganhar espaço e se transformarem num **ponto crítico** capaz de promover uma **bifurcação**. Justamente a bifurcação é a mudança estrutural formada pela junção das forças flutuantes que permitiram a bifurcação. Essas forças flutuantes podem ser abortadas pelo sistema, ou podem conduzi-lo a uma nova configuração estrutural.
- 25 Resumindo, de acordo com a lógica de Prigogine e Stengers (1986), o sistema longe do equilíbrio apresenta a fase de instabilidade, caracterizada pelo agito das partículas diante de um estímulo capaz de confrontá-las, em seguida vemos o surgimento das estruturas dissipativas, que podem lançar o sistema às zonas de perturbação desencadeando toda uma dinâmica que pode ou não interferir em sua estrutura anterior. A fase de estabilidade se caracteriza quando o sistema adquire uma nova configuração estrutural ou permanece com parte de suas características anteriores.
- A ciência social herdada, estabelecida, não foi sequer chamada a considerar os fenômenos que ela trata em estados de longe equilíbrio; sua prática a leva a preferir a estabilidade (o conflito sendo matéria da sociologia crítica, mais periférica), o funcional, o estrutural, o organizado. Nessas condições, o tempo se torna a dimensão esquecida, e o acontecimento o intruso que deve ser expulso (BALANDIER, 1997, p. 169).
- 26 Porém, Turner (1974), Prigogine e Stengers (1986) compartilham da idéia de que todos os sistemas, sejam eles sociais ou não, encontram-se numa eterna dança de posições que os mantêm longe do equilíbrio. Os três autores ajudam a reforçar nossas concepções sobre a mobilidade cultural e a fluidez dos sistemas sociais como um todo. A fase de separação,

pensada por Turner, pode ser comparada à fase de instabilidade, defendida por Prigogine e Stengers. Referem-se à mudança do sistema diante da passagem de posições decorrente da fuga do equilíbrio. Da mesma forma, a fase de liminaridade, para Turner, pode ser encarada como aquela relativa às zonas de perturbação, para Prigogine e Stengers, que desencadeiam flutuações, pontos críticos e bifurcações. Em ambos os casos, o sistema em atual transição, fica a mercê das influências externas. Sem lugar ou posição, ele fica “à deriva” das forças do seu meio. O próprio sistema se encarrega de seguir o seu caminho rumo ao novo equilíbrio. Uns tentam reduzir as bifurcações e voltam-se para suas características originais, enquanto outros deixam-se levar por essas perturbações e acoplam novas características ao sistema em formação.

- 27 Reintegração para Turner (1974) e estabilidade para Prigogine e Stengers (1986) também podem ser entendidas de modo similar. É quando o sistema retorna, dessa dinâmica turbulenta, com as mesmas características anteriores ou reformulado pelas mudanças relativas e decorrentes das bifurcações, que foram promovidas pelas zonas de perturbação. É quando o sistema atinge um novo equilíbrio. Tal dinâmica pode ser visualizada na prática, mediante a análise histórica da SEUDV que passou pelas mesmas fases em questão (Figura 1). Num primeiro momento, observamos os afastamentos em massa do sistema matriz udevista, no qual certas insatisfações pessoais geraram um quadro de conflitos que permitiram o distanciamento de alguns oasqueiros. Aqui se deu a separação para Turner (1974) e a instabilidade para Prigogine e Stengers (1986). Então os recém-desvinculados foram automaticamente lançados ao estado de liminaridade, após o surgimento de uma zona de perturbação, que promoveu o afastamento da matriz udevista.

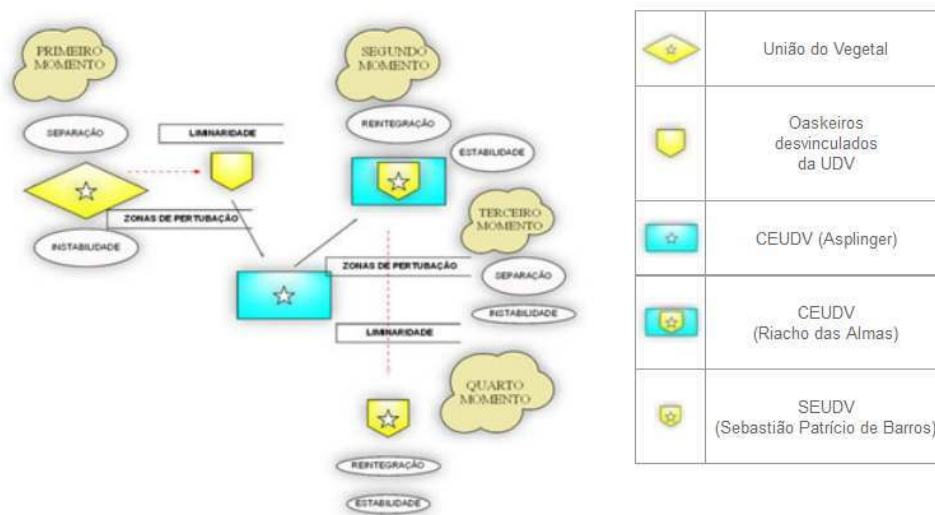


Figura 1. TRAJETÓRIA HISTÓRICA DA SEUDV A PARTIR DAS PERSPECTIVAS DE TURNER (1974), PRIGOGINE E STENGERS (1992).

- 28 Num segundo momento, verificamos o sistema caminhando rumo a um novo equilíbrio, quando retornou às matrizes antigas, a partir do contato com o CEUDV, liderado pelo mestre Asplinger. Nesse caso, o sistema atingiu a fase de reintegração, para Turner (1974), e estabilidade, para Prigogine e Stengers (1986), aderindo os pré-supostos da tradição udevista, ou seja, do sistema anterior de onde surgiu. Num terceiro momento, verificamos que outra situação de conflito emerge dentro do sistema, lançando-o novamente à fase de

separação e instabilidade, quando surgiram novas zonas de perturbação que promoveram o rompimento com o CEUDV.

- 29 O sistema foi lançado, mais uma vez, à fase de liminaridade. Num quarto momento, o sistema passa à fase de reintegração e estabilidade retomando as configurações da matriz original de onde emergiu. Apesar dos conflitos subseqüentes dessa tênue trajetória, a SEUDV não abriu mão dos ensinamentos do mestre Gabriel, mesmo quando o sistema foi por duas vezes lançado à liminaridade e ficou à mercê das zonas de perturbação e flutuações, esses oasqueiros não permitiram que o conflito dissolvesse os preceitos do mestre, dando continuidade à tradição oasqueira, mesmo longe da instituição oficial udevista.

1.1.3 Espaço

- 30 No sítio do mestre Patrício, todos estão em casa. Muito arborizado e florido, o terreno abrange cerca de cinco hectares de terra que se perdem entre as cercas do horizonte. A paisagem é típica dos ecossistemas de transição comuns ao agreste pernambucano. O clima predominantemente seco e acompanhado por vários meses de estiagem dificulta o cultivo de algumas plantas, porém o jardim de Dona Yonny é cuidadosamente mantido.

O Vegetal tem que ser rural. Ele tem que ser bebido junto à natureza, com silêncio ou sons assim como estes que a gente está ouvindo: de galinha, de pássaro, de cachorro... Por isso, aqui a gente faz no sítio. O Vegetal é um chá precioso e na cidade fica complicado administrar.

(Mestre Jú)

- 31 Os adeptos do Vegetal preferem comungar o chá longe do tumulto das grandes metrópoles. É bastante comum a construção de igrejas ayahuasqueiras nas proximidades de áreas naturais. Seja na mata, num sítio ou numa praia, a tranqüilidade inerente a tais espaços parece colaborar para a construção de uma atmosfera favorável ao uso ritual dessa bebida enteógena. Sendo esta uma das doutrinas da floresta, é compreensível que seus adeptos sintam-se mais a vontade e protegidos próximos da natureza. Para o psiquiatra norte-americano Norman Zinberg (1984, p. 237), os psicoativos costumam ser ministrados numa atmosfera ritual de onde emergem padrões de comportamento direcionados ao uso controlado das substâncias. Esses padrões estilizados e prescritos estão intimamente ligados à obtenção e administração das substâncias, assim como a seleção do **setting físico** e **setting social** para que a experiência aconteça sem maiores danos ou transtornos. Este autor afirma que toda essa precaução tem a ver com as formas de prevenir os efeitos adversos provocados pelo consumo de determinados psicoativos. A seleção das pessoas (setting social) e do lugar (setting físico) onde acontecem os rituais minimiza certas tensões, pois o objetivo dessa dinâmica ritual é o de que todos se sintam familiarizados, relaxados e despreocupados no desenrolar da experiência.
- 32 No sítio, além da casa do mestre Patrício, foram construídos o templo, a fornalha e o chacronal. O templo (Foto 1) é uma verdadeira casa, bem maior do que aquela onde o casal mora. Grande o suficiente para abrigar em seu interior dois banheiros coletivos (masculinos e femininos), um refeitório e o salão ritual, o chamado “*Salão do Vegetal*”, com capacidade para aproximadamente quarenta pessoas (Foto 2). Em cada banheiro estão disponíveis dois chuveiros, dois vasos, uma pia e um espelho. No Salão do Vegetal, uma mesa central e, ao redor, várias cadeiras acolchoadas, inclinadas em estilo semi-leito, ideais para os momentos de concentração durante as sessões. As cadeiras ficam todas voltadas para essa mesa retangular aonde os mestres dirigentes¹⁰ conduzem os trabalhos

com o Vegetal. “A posição da mesa no Salão do Vegetal é colocada de forma que o dirigente dos trabalhos fique em frente à porta principal de entrada” (Ricciardi, 2008, p. 55).



Foto 1. O TEMPLO DA SEUDV.
DIREITO DE IMAGEM CEDIDO PELA SEUDV.
FOTO: WAGNER LIRA.



Foto 2. O SALÃO DO VEGETAL NA SEUDV.
DIREITO DE IMAGEM CEDIDO PELA SEUDV.
FOTO: WAGNER LIRA.

- 33 Na parede, por trás da mesa, a foto do fundador da doutrina, o mestre Gabriel¹¹, algumas lâmparinas e duas caixas de som. Alguns casacos e colchas repousam pendurados em cabides numa das paredes próxima aos banheiros. Na área externa, ao lado do templo, foi construída uma praça central onde existe uma grande estrela de cinco pontas cimentada ao chão e pintada de branco. As estrelas são símbolos recorrentes na mística udevista. Segundo Andrade (1995, p. 107):

A invocação de determinadas estrelas (estrela do norte, estrela do oriente, por exemplo) são, mais propriamente falando, figuras lingüísticas empregadas no sentido de orientar os adeptos, como o marinheiro orienta seu barco pelos astros, isto é, guiando-se por alguns pontos de referência, e não necessariamente adorando tais pontos.

- 34 Eles também construíram um chacroneal, uma grande área cercada com madeiras e telas de nylon, que protegem do sol vários arbustos de chacrona (Foto 3). O cenário lembra uma estufa e até mesmo uma casa de vegetação artesanal. Foi necessário um enorme esforço para erguer essa estrutura, até porque as telas tiveram de ser costuradas à mão, e por fim unidas às madeiras fincadas no chão. Um empreendimento valoroso diante da necessidade de plantar a própria chacrona, pois as folhas necessitam dessa proteção, visto que, não suportam altas temperaturas nem fortes luminosidades.

- 35 O plantio exige um cuidado especial. Saber plantar marirí e chacrona¹² e saber produzir o próprio Vegetal vêm sendo apresentados como os primeiros passos para a condução dos trabalhos espirituais dos novos ayahuasqueiros. A ecologia e a fisiologia desses vegetais já impõem limitações naturais ao consumo da infusão. É necessário que o grupo saiba produzir o próprio Vegetal, pois assim ele se mostra merecedor de administrá-lo. Daí surge a independência em relação aos outros grupos, porque o chá e as plantas são de acesso restrito. Possuir a arte do plantio e manuseio da folha chacrona e do cipó marirí;

(...) é um pré-requisito fundamental para as aspirações de autonomia de qualquer grupo. O fato da bebida ser de difícil acesso é por si só um dos grandes mecanismos de controle do seu uso

(Labate, 2004, p. 123).

- 36 Na SEUDV, os cipós são cultivados em alguns cajueiros (Foto 4). Por ser uma trepadeira, o marirí necessita de outra planta de grande porte para se desenvolver. Este cipó é de difícil adaptação. Normalmente não resiste ao clima e ao solo, quando é transplantado para fora do seu lugar de origem, a floresta Amazônica. Os cajueiros são muito comuns aos ecossistemas nordestinos. O porte lenhoso e a resistência dessas árvores garantem uma sobrevida ao marirí, que muitas vezes chega a crescer sufocando o cajueiro.



**Foto 3. CHACRONAL FEITO COM MADEIRAS E TELAS DE NYLON.
DIREITO DE IMAGEM CEDIDO PELA SEUDV.
FOTO: WAGNER LIRA.**



**Foto 4. O MARIRÍ CULTIVADO NO CAJUEIRO.
DIREITO DE IMAGEM CEDIDO PELA SEUDV.
FOTO: WAGNER LIRA.**

- 37 Um grande problema do sítio, assim como em todo o agreste pernambucano é a falta d'água. Durante os longos períodos de estiagem o solo, os rios, barreiros e açudes evaporam, levando consigo o verde da vegetação. As plantas nativas não sofrem tanto, pois já estão adaptadas às imposições do clima. Já aquelas que não pertencem à região em questão, dificilmente são capazes de sobreviver. Não é difícil calcular o esforço necessário que deve ser empreendido na manutenção do plantio de marirí e chacrona nessas condições. O problema da falta d'água é resolvido em parte, diante da existência de um poço artesiano capaz de abastecer a propriedade do mestre Patrício. Além disso, é necessário um investimento muito grande em adubação e correção do solo para fornecer as mínimas condições exigidas por tais vegetais, mas mesmo assim ainda existe uma enorme dificuldade em manter os seus plantios.
- 38 As folhas e os cipós plantados no sítio já são capazes de satisfazer às demandas dos preparos na SEUDV, porém o mestre Patrício até o momento, não se permitiu usar esse material cultivado, preferindo deixá-lo em desenvolvimento e sob seus cuidados, para que se desenvolvam, naturalmente, as propriedades místicas desejadas. O devido cuidado com essas plantas que exigem respeito e carinho de seus fieis, segundo os oasqueiros, transmite boas vibrações que serão transferidas ao chá, que será feito a partir da união das mesmas. Quanto maior o tempo de cultivo, maior o cuidado com os vegetais, que faz aumentar o carinho e o afeto que certamente transmitem, ao longo do tempo, vibrações positivas às plantas cultivadas. Maior também a concentração dos princípios ativos¹³, que são produzidos em grandes quantidades quando as plantas adquirem consistência lenhosa e massa vegetal.
- 39 Por enquanto, as folhas e os cipós usados na elaboração do chá na SEUDV são adquiridos por intermédio das relações de amizade entre o mestre Patrício e o doutor Régis Alain Barbier, fundador da Sociedade Panteísta Ayahuasca. Barbier possui, em sua propriedade na cidade de Camaragibe (PE), uma vasta plantação de marirí e chacrona, e sempre que é preciso auxilia os amigos em Riacho das Almas nos seus preparos, fornecendo-lhes, momentaneamente, o material necessário que compõe esse chá sagrado, utilizado em suas atividades ritualísticas.

Aqui nós temos o apoio de Barbier! Desde o primeiro dia em que começamos com esse trabalho ele me disse; 'no dia que você precisar de Vegetal e faltar, você pode vir aqui'. Nós podemos contar com o irmão Barbier, porque é uma pessoa que eu tenho uma amizade consolidada de quase dez anos. Desde o primeiro preparo dele lá em Aldeia (bairro de Camaragibe-PE), nós sempre estivemos presentes participando. Sempre ele nos dava o Vegetal (10-12 litros), sempre perguntava se nós estávamos precisando do Vegetal... Então acredito que nós temos esse suporte, até termos auto-suficiência aqui no nosso grupo.

(Mestre Patrício)

- 40 Inicialmente, quando a irmandade do mestre Patrício ainda representava o CEUDV em Pernambuco, o chá era adquirido diretamente com a sede geral em Manaus, encarregada de produzir e distribuir a bebida entre as filiais. O contato com Barbier facilitou a obtenção do Vegetal que passou a ser produzido no próprio sítio do Patrício, após a construção artesanal de uma fornalha à lenha. Nesse sentido, os custos diante da obtenção do chá reduziram, visto que, os vegetais passaram a ser obtidos *in natura* a partir das afinidades entre o mestre Patrício e o doutor Barbier. Recentemente o grupo decidiu desmanchar a antiga fornalha à lenha substituindo-a por uma a gás natural que conta com queimadores industriais. Segundo o mestre Patrício essa atitude se dá, primeiramente, em relação à condição ambiental atual do planeta que não permite ao ser

humano desmatar as florestas e queimar madeira para produzir um chá, que se apresenta como a manifestação das forças da natureza. Para o mestre Patrício, isso seria um contrasenso que caminha na contramão dos ensinamentos do mestre Gabriel.

Olhe, a gente decidiu fazer assim porque antes nós estávamos na contramão. A desmatagem está existindo e você ficar burlando a legislação em benefício próprio, você está indo de encontro aos princípios espirituais do mestre Gabriel! Muitos usam mesmo quase quatro metros de lenha. Tudo bem quando muitos moram em áreas abundantes de lenha, mas aqui não! Fazer isso aqui é entrar na contramão dos ensinamentos.

(mestre Patrício)

- 41 Durante os preparos, eles também contam com o auxílio de uma forrageira para macerar o marirí, que aliada ao sistema de gás para o cozimento da infusão diminui consideravelmente a mão de obra necessária à elaboração do Vegetal, assim como o tempo e os gastos financeiros quanto à preparação da infusão. Durante nossa pesquisa¹⁴, a SEUDV realizou dois pequenos preparos nos meses de fevereiro e novembro do ano de 2008, nos quais participaram cerca de seis pessoas e foram produzidos em média quarenta litros de Vegetal por preparo. Os preparos costumam acontecer nos finais de semana e de acordo com a disponibilidade dos participantes. No final desses trabalhos, o Vegetal recém produzido costuma ser armazenado em garrafas pet, que são estocadas e congeladas no freezer do refeitório.

1.1.4 Tipos de sessões e a irmandade

- 42 Uma sessão de escala é uma sessão que pode ser freqüentada por todos, sejam eles discípulos, visitantes ou mestres. Elas acontecem nos primeiros e nos terceiros sábados de cada mês. Inicia-se às vinte horas e termina meia noite e quinze minutos, no máximo. Existem também as sessões de escala anual ou comemorativas, as sessões extras e as instrutivas, nas quais os adeptos se aprofundam ainda mais nos estudos dos ensinamentos do mestre Gabriel. As sessões comemorativas acontecem durante todo o ano e seguem as datas previstas no calendário doutrinário udevista.

Nós temos no dia 6 de janeiro a sessão anual de reis, depois vem o dia 10 de fevereiro no aniversário do mestre Gabriel. 27 de março, o dia da ressurreição, temos o dia da fogueira de São João em 23 de junho, no dia 22 de julho comemoramos o dia da recriação da UDV pelo mestre Gabriel, dia primeiro de novembro é a confirmação da UDV no Astral Superior e dia 24 de dezembro Natal, além disso, também comemoramos o dia das mães, dia dos pais... Também temos casamentos e batizados.

(Dona Yonny)

- 43 O grupo também realiza algumas sessões extras no caso de uma necessidade maior da irmandade ou quando recebem visitas de outros amigos ayahuasqueiros que sempre freqüentam o sítio do mestre Patrício. Elas podem acontecer em qualquer dia da semana. O comparecimento nessas sessões e naquelas de escala anual é opcional. As sessões instrutivas são direcionadas ao aprendizado dos adeptos. Os discípulos mais empenhados são convocados a participar desses encontros, onde podem se aprofundar ainda mais nos estudos da doutrina.

As sessões instrutivas: são realizadas ao meio dia, normalmente aos domingos, embora o dia da semana e do mês seja predeterminado pelo mestre Representante. A estas sessões só podem freqüentar as pessoas do corpo instrutivo usando o uniforme¹⁵. O conteúdo dessas sessões não pode ser revelado (Ricciardi, 2008, p. 60).

- 44 A irmandade da SEUDV, assim como na UDV, apresenta-se subdividida em três principais categorias hierárquicas; discípulos do corpo instrutivo, do corpo do conselho e mestres. Aqueles do corpo instrutivo;

São os que, entre os discípulos se destacam mais, têm um maior interesse e que fazem mais perguntas nas sessões. Depois de certo período ele vai sendo avaliado e convocado para o quadro do corpo instrutivo. Aí ele já participa de outras sessões onde são dados mais conhecimentos
(Dona Yonny).

- 45 Os conselheiros podem ser homens ou mulheres. O grau máximo atingido pelas mulheres é o título de conselheira na doutrina do Vegetal¹⁶. As conselheiras são as companheiras dos mestres. Um sempre vem acompanhado do outro, pois o casal é o grande exemplo da união, sendo a personificação do milagre da família que precisa ser seguido por todos do grupo. Para Andrade (2005, p. 138) a crença udevista sustenta-se no tripé “trabalho-família-religião”. O trabalho é o meio pelo qual o ser humano demonstra seu desejo de mudança. A família é importante, por ser o principal pilar da sociedade renovada. A religião torna-se a razão de ser do homem, pois permite o contato através do qual o oaskeiro retorna à casa do pai criador.

- 46 O corpo do conselho é composto por discípulos que possuem um tempo maior na doutrina do Vegetal. Seus conhecimentos foram adquiridos a partir das vivências com a irmandade. A conduta do discípulo é analisada tanto dentro quanto fora do Salão do Vegetal e cabe ao mestre representante elevar ou rebaixar o respectivo “corpo institucional” no qual o adepto se enquadra. A autoridade delegada aos mestres udevistas condiz com as afirmações de Helman (1994), que chama a atenção para o importante papel social exercido pelos líderes carismáticos. Estes indivíduos possuem poder de integração e coesão, mas ao mesmo tempo podem perfeitamente punir os comportamentos que fujam dos padrões estabelecidos pelo grupo. O líder deve ser “o espelho” da irmandade, servindo de exemplo em tudo, de modo que sua conduta possa nortear e orientar as ações do seu grupo específico. Dessa forma, para Helman (1994) os valores podem ser revisitados e reafirmados diante dos demais atores sociais, que compartilham de um mesmo sistema de crenças específico.

Quando nós entendemos que o discípulo realmente está modificado fluindo num grau mais elevado, aí ele é convocado para o corpo do conselho e do corpo do conselho então ele poderá ser mestre.
(Mestre Patrício).

- 47 Para a doutrina oasqueira, o grau de mestre não é só posição. Mestre também é função, é responsabilidade para consigo e para com os outros. Os mestres da SEUDV afirmam que todo mestre é exemplo de referência a ser seguido. Aquele que representa um grupo ou dirige uma sessão representa a presença simbólica do mestre Gabriel entre os demais. Daí vem a responsabilidade e o perigo dessa posição. Ser mestre é ser eternamente testado diante da grande vilã, a vaidade que, aliás, é muito combatida na SEUDV.

Mestre quem chama é os outros, não é a própria pessoa que pode se chamar de mestre não. Porque a verdade no Reino do Vegetal é muito grande na fala e de quem pratica aquela fala, porque a pessoa que está dirigindo uma sessão, ou o representante de um grupo, ele tem que dar exemplo em tudo. Ele é um espelho. Ele tem que falar os ensinamentos do mestre Gabriel e tem que praticar aquilo dali. Ou então, se não está podendo praticar, não fale. Quando um mestre anda errado, a reclamação não vai pra ele não! Eu ouvi¹⁷ o mestre Gabriel falar que ‘o coice vem em mim’, então qualquer coisa que faça de errado, o coice e a repercussão vêm praquela que começou, vem para o mestre Gabriel. E isso dói, porque a gente sabe

que o chá e a tradição não podem ser desmerecidos por causa da ação de terceiros.
(Mestre Jú)

- 48 O discípulo doutrinado age com simplicidade e não se deixa engrandecer pela vaidade. Essa é uma das grandes lições. O “*bom aluno*” oasqueira sabe que com simplicidade ele alcança sua posição no poder do conhecimento, diante da união de luz, paz e amor. Os informantes procuram respeitar tais princípios e aprendem respeitando para se engrandecer, sendo a vaidade uma das fases¹⁸ que precisa ser superada para o alcance da iluminação espiritual. Diante da vaidade, eles afirmam que a pessoa esquece certos preceitos básicos das doutrinas do mestre Gabriel e passa a se engrandecer ilusoriamente dando voz às suas criações, que são relegadas às mais puras verdades. Ser mestre, conselheiro e discípulo na SEUDV, na verdade, apresenta-se como um grande teste.
- 49 Os novatos são chamados de adventícios e só podem freqüentar as sessões de escala, passando antes por uma pré-seleção e uma breve entrevista, na qual discorrem a respeito das suas intenções diante da busca pelos ensinamentos do Vegetal. Os visitantes também preenchem um formulário, com alguns dados básicos, como por exemplo, nome, telefone, endereço, idade, histórico de doenças, uso de remédios e outras substâncias que possam interferir nos efeitos do chá. Esses dados servem de controle para que o grupo saiba o perfil dos freqüentadores do sítio. Na União do Vegetal normalmente;
- (...) existe uma sessão denominada sessão de adventícios onde os interessados, após a entrevista, bebem o Vegetal. Eles usam roupas comuns e podem, depois de participar de uma sessão, freqüentar as sessões da UDV, a depender do grau da sessão.
(Ricciardi, 2008, p. 38)
- 50 Na SEUDV, verificamos a ausência das sessões exclusivas para adventícios, porém o critério seletivo continua, sendo necessário o convite de um dos membros da irmandade para que o neófito possa participar das sessões de escala. Depois da quarta sessão com o Vegetal, o visitante normalmente é convidado a se associar como discípulo e a depender de sua conduta e interesse nos trabalhos, pode ser convocado ao quadro do corpo instrutivo. Além das contribuições financeiras de trinta reais que são pagos mensalmente pelos mestres, conselheiros e discípulos do corpo instrutivo, o grupo estabeleceu uma taxa simbólica aos novatos no valor de dez reais (taxa de adventício). Obviamente a arrecadação desses fundos é voltada à manutenção e ao fortalecimento das práticas materiais do centro, como por exemplo, gastos com o plantio e preparo do Vegetal. Eles costumam afirmar que a bebida não tem preço, mas tem um custo.
- 51 Grande parte dos freqüentadores do sítio reside na cidade de Caruaru (PE), que fica próxima ao município de Riacho das Almas no agreste do estado. Advogados, comerciantes, médicos, donas de casa, músicos, estudantes... A faixa etária e as profissões dos adeptos da SEUDV são variadas. A maioria é composta por homens. O fardamento adotado pela irmandade é muito simples. Durante as sessões, os homens usam apenas uma bata e uma calça feitas com tecido de estopa e as mulheres usam calças compridas e camisas brancas. Justamente para evitar uma diferenciação entre os adeptos, foi aceito um uniforme único, simples e comum a todos que freqüentam o sítio do mestre Patrício. Mesmo que exista hierarquia, ela não é reforçada com símbolos diferenciados dos demais como, por exemplo, estrelas e brilhos nos uniformes. O mestre Patrício afirma que na SEUDV todos devem ser iguais na vida e no Salão do Vegetal.

1.2 A legalidade da dissipação

- 52 Durante esse artigo pudemos ver claramente que na Sociedade Espiritualista União do Vegetal, em Riacho das Almas (PE), apesar da série de conflitos e acordos inerentes à fragmentação do campo ayahuasqueiro brasileiro, a bebida enteógena permanece sendo administrada segundo os padrões doutrinários estabelecidos pelo mestre José Gabriel da Costa, mesmo quando tal irmandade se mantém afastada da matriz original udevista. Essa retomada dos valores tradicionais, segundo Mary Douglas (1976, pp. 51-52) pode acontecer porque:
- 53 (...) à medida que o tempo passa e as experiências se empilham, fazemos um investimento cada vez maior em nosso sistema de rótulos. Assim uma tendência conservadora é incorporada. Isto nos dá confiança. A qualquer hora, pode ser que tenhamos de modificar nossa estrutura de pressupostos para acomodar uma experiência nova, mas quanto maior for a coerência da experiência com o passado, mais confiança podemos ter em nossos pressupostos. Fatos desconfortáveis, que se recusam a ser ajustados, nós os ignoramos ou os distorcemos a fim de que não perturbem aqueles pressupostos estabelecidos.
- 54 O Sociólogo das religiões, Max Weber (1994), investigou as relações de poder (dominação) existentes no relacionamento entre a ação individual e ação dos sujeitos ou grupos inseridos no âmbito dessa dominação. A dominação ocorre por motivos e meios diversos, mas sempre é guiada por um quadro administrativo. Aqui nos interessa especialmente o fenômeno da **legitimação**, ou "crença na legitimidade", que garante as chances de sobrevivência de um grupo específico. Existem, então, para Weber, três tipos de dominação: a **racional** (legal ou burocrática), a **tradicional** e a **carismática**. Cada tipo de dominação sempre alega sua legitimidade. Para compreender como se deu o processo de legitimidade na SEUDV a partir dessa leitura weberiana, se faz necessário destacar, além de tudo, a legitimidade tradicional e a carismática como fundamentais, diante da busca pela legalidade de suas ações rituais. Essa interpretação também nos ajuda a compreender o porquê da continuidade com a tradição udevista
- 55 Segundo este autor, os grupos religiosos reivindicam o poder e a legitimidade de suas ações sócio-culturais seguindo, principalmente, dois princípios complexos; a legitimação tradicional e a legitimação carismática. Essas duas formas de legitimação não são excludentes, chegando muitas vezes a interagir em conjunto quando um grupo decide recorrer a tal processo. A legitimidade tradicional de um grupo, em especial religioso, estaria então ligada às formas de fazer como sempre se fez. Para tal, é necessária a manutenção dos símbolos, assim como a continuidade com as bases doutrinárias estabelecidas pelos fundadores. Às vezes pode acontecer a alegação da legitimidade devido ao grau de parentesco (sanguíneo ou por afinidade) com o fundador, sendo tal alegação também pertencente ao processo de legitimação pela tradição.
- 56 Weber (1994) detém-se longamente na análise do tipo de legitimidade carismática que está ligada ao contato direto com o sagrado. Segundo este autor, a dominação carismática pode ocorrer:
- Em virtude de devoção afetiva à pessoa do senhor e a seus dotes sobrenaturais (**carisma**) e, particularmente: a faculdades mágicas, revelações ou heroísmo, poder intelectual ou de oratória. O sempre novo, o extra-cotidiano, o inaudito e o arrebatamento emotivo que provocam constituem aqui a fonte de devoção pessoal (Weber, 1994, p. 153).

- 57 É quando o mito de origem explica toda a trajetória dos fundadores e o surgimento da instituição, que são tidos como verdadeiros e incontestáveis. Para Weber, é quando ocorre a **rotinização do carisma** e o grupo conquista sua legitimidade social. Dentro de um grupo, podem ainda emergir pequenos ou grandes pontos de conflito que fazem surgir novas possibilidades de uma liderança carismática, é quando vemos a **recarismatização da rotina**. De acordo com o histórico da SEUDV, podemos ver, no primeiro momento, uma ruptura com a União do Vegetal que acarretou no afastamento de doze adeptos dessa instituição religiosa. Acontece que a UDV já é um grupo institucionalizado, legitimado tanto nos âmbitos “tradicional” quanto nos âmbitos “carismáticos”. A partir da teoria de Weber (1994), o que aconteceu nesse primeiro momento foi uma recarismatização da rotina que permitiu a emergência de certos pontos turbulentos e tornou possível o surgimento de uma nova liderança carismática, dissidente da instituição de origem (UDV).
- 58 Num segundo momento, essa nova liderança carismática uniu-se a outra liderança já estabelecida e legitimada, o CEUDV de Manaus, fundado pelo mestre Asplinger, um ex udevista, que permaneceu ligado à tradição¹⁹, ou seja, legitimado a partir da continuidade com os ensinamentos e práticas rituais estabelecidos pelo mestre Gabriel. Depois de algum tempo, esta filial do CEUDV representada pelo mestre Patrício, em Pernambuco, passou por mais um período de recarismatização da rotina que fez emergir novos pontos turbulentos entre filial e matriz. O grupo foi deslegitimado pela sede geral do CEUDV, o que fez com que o mestre Patrício recorresse à legitimação tradicional, pois continuou seguindo com os padrões doutrinários da UDV e à legitimação carismática, pelo fato de ter estabelecido uma relação direta com o astral, a ponto de receber o nome do novo grupo num momento de burracheira. Assim, eles deram continuidade aos trabalhos normalmente, fazendo do conflito nada mais do que um fato histórico no qual a irmandade esteve inserida. Dessa forma, é possível compreender porque o repertório mítico udevista foi preservado mesmo diante dos conflitos emergentes. Até mesmo as insígnias “UDV” foram reivindicadas pela irmandade. Ao que parece, segundo a antropóloga Labate (2004, p. 96), no campo ayahuasqueiro, rejeitar a tradição pode gerar grandes problemas legais.
- 59 Os grupos já institucionalizados e legitimados (Alto Santo, CEFLURIS, Barquinha e UDV) possuem, por assim dizer, a legalidade do uso da bebida devido à elaboração da “*carta de princípios das entidades religiosas usuárias do chá oaska*”²⁰. Existe uma grande preocupação dessas entidades em relação ao surgimento de novos grupos, até porque, teoricamente, eles não estariam preparados para administrar a bebida e isso poderia novamente pôr em dúvida a legalidade da ayahuasca. Então, não é difícil concluir que quanto mais próxima está da tradição, supostamente mais legítima se torna uma irmandade dentro dessa extensa malha social, ao mesmo tempo em que adquire posição e respeito de toda a sociedade em relação à administração deste enteógeno. Por isso, no caso da SEUDV, o novo não abriu mão do velho, de forma que a dissidência existe apenas a nível institucional.
- 60 Também é importante afirmar que a legitimidade sempre é relativa. O que é legítimo para um, pode não ser para outros. Sem contar que algumas teorias científicas parecem descartar o princípio universal da fé que as pessoas têm nas suas crenças, assim como a liberdade de escolher aquilo que as completam. Nesse caso, não importa o fato de ser legítimo por estar mais perto da tradição e sim o fato de estar satisfeito com a mesma, pois caso contrário, ninguém é obrigado a seguir com aquilo que não concorda.

- 61 Lembrando que os acordos, desacordos, trajetórias e conflitos entre os ayahuasqueiros dissidentes nos fazem refletir para nunca esquecermos de que nenhum evento cultural, principalmente religioso, encontra-se engessado. Os sistemas simbólicos coexistem e interagem mutuamente numa eterna fluidez complexa de significados, normas, valores e identidades. Isso é o que garante a mobilidade das culturas humanas vivas, sempre em movimento, à mercê das reinterpretações, ressignificações e independentes das lentes redutoras da ciência atual. As coisas do espírito são sagradas, mantidas e devem permanecer ativas para que o oaskeiro sempre renove ações e pensamentos purificando suas energias para enfrentar a luta pela sobrevivência. Para enfrentar seu dia-a-dia.
-

BIBLIOGRAPHY

- ANDRADE, Afrânio. P. **O Fenômeno do Chá e a Religiosidade Cabocla: um estudo centrado na União do Vegetal**. Dissertação de mestrado em Ciências da Religião, São Bernado do Campo: Instituto Metodista de Ensino Superior, 1995.
- BALANDIER, Georges. **A desordem - Elogio do movimento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- BARNES, J. A. **Social networks. An Addison-Wesley Module in Anthropology**. Module 26, 1972.
- BOTH, Elizabeth. **Família e rede social**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1976.
- BOURDIEU, Pierre. **Coisas Ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- BRISSAC, Sergio. **A Estrela do Norte Iluminando Até o Sul. Uma etnografia da União do Vegetal em um contexto urbano**. Dissertação de mestrado em Antropologia Social. Museu Nacional, Rio de Janeiro 1999.
- CAPRA, Fritjof. **As conexões ocultas. Ciência para uma vida sustentável**. São Paulo: Editora Cultrix, 2002.
- DOUGLAS, Mary. **Pureza e perigo**. Coleção Debates. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- GOULART, Sandra L. **Contrastes e Continuidades em uma Tradição Amazônica**. Tese de Doutorado em Ciências Sociais, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2004.
- HELMAN, Cecil C. **Cultura, Saúde e Doença**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- LABATE, Beatriz C. **A reinvenção do uso da ayahuasca nos centros urbanos**. Campinas SP: Mercado das Letras, 2004.
- LIRA, Wagner L. **Os trajetos do êxtase dissidente no fluxo cognitivo entre homens, folhas, encantos e cipós: uma etnografia ayahuasqueira nordestina**. Dissertação de Mestrado em Antropologia, Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2009.
- MACRAE, Edward. Santo Daime e Santa Maria: Usos Religiosos de Substâncias Psicoativas Lícitas e Ilícitas. In: **O Uso Ritual das Plantas de Poder**, Beatriz Caiuby Labate e Sandra Lúcia Goulart (orgs.). Campinas, SP: Mercado das Letras, 2005.
- OTT, Jonhatan. **Ayahuasca analogues: pangaean entheogens**. Kennewick, WA: Natural Products, 1994.
-

PRIGOGINE, Ilya; STENGERS, Isabelle. **A nova aliança. Metamorfose da ciência**. Brasília-UNB: Trad. Miguel Faria et alli, 1997.

RICCIARDI, Gabriela. S. **O Uso da Ayahuasca e a Experiência de Transformação, Alívio e Cura, na União do Vegetal (UDV)**. Dissertação de mestrado em Ciências Sociais. Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2008.

SCHULTES, Richard E. *El desarrollo historico de la identificación de las malpigiáceas empleadas como alucinógenos*. In: **América Indígena** (número 46, vol. 1), 1986.

STRASSMAN, Rick. **Dmt; the spirit molecule**. Rochester: Park Street Press, 2001.

TURNER, Victor. **O processo ritual**. Petrópolis, Vozes, 1974.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade**. Tradução Régis Barbosa e Karen Barbosa. Brasília: UNB, 1994.

ZINBERG, Norman. **Drug, set and setting**. New Haven: Yale University Press, 1984.

NOTES

1. Os oasqueiros são todos os udevistas guiados pela sabedoria de Oaska, importante personagem mítico desse sistema de crenças. Maiores detalhes sobre a História da Oaska, mito fundante udevista consultar; Andrade (1995), Goulart (2004), Ricciardi (2008) e Lira (2009).
2. Estudos relativos à matriz fundadora consultar; Andrade (1995), Brissac (1999), Goulart (2004) e Ricciardi (2008).
3. Os relatos obtidos durante a pesquisa de campo na SEUDV indicam que nessa época, Raimundo Neto e Laércio do Egito conheceram o Vegetal em Porto Velho (Rondônia). Depois de algum tempo conseguiram a permissão dos mestres udevistas para ministrar o chá em Pernambuco em nome da União do Vegetal.
4. Sociedade civil de direito privado, de duração ilimitada, tendo como finalidade, experimentar, estudar e orientar os estados ampliados de consciência induzidos pela ayahuasca no sentido de promover a evolução geral, cognitiva e espiritual. Sua sede situa-se no município de Camaragibe (PE). Praticam também o panteísmo, nos seus aspectos filosóficos, científicos e místicos. Informações disponíveis no site: www.panhuasca.org.br/portugues/missao.htm. Último acesso em fevereiro de 2008.
5. Mestre Irineu, para os daimistas; frei Daniel, para os da linha da Barquinha e mestre Gabriel para os udevistas.
6. O mestre representante é aquele que representa um núcleo oasqueiro.
7. O êxtase místico proporcionado pela ingestão do Vegetal é conhecido por burracheira nos sistemas udevistas.
8. Durante o capítulo introdutório da minha dissertação, apresentei um exemplo da delicada inter-relação entre os grupos inseridos nessa rede de relação, ao analisar alguns eventos que desencadearam a suspensão temporária do uso ritual da ayahuasca. Maiores detalhes consultar Lira (2009, pp. 26-35).
9. Trata-se de um modelo da Teoria Geral dos Sistemas Vivos, proposto pelo físico-químico Ilya Prigogine, com o objetivo de observar padrões de estabilidade longe do equilíbrio. A teoria das estruturas dissipativas serve para sublinhar a íntima interação que existe entre a estrutura, de um lado, e o fluxo e a mudança ou dissipação, de outro.
10. Os mestres dirigentes são àqueles que conduzem as sessões e distribuem o Vegetal durante os trabalhos espirituais. Em cada sessão só pode haver um mestre dirigente. É comum o

revezamento entre os mestres de forma que o mesmo mestre não possa dirigir duas sessões seguidas.

11. Normalmente, nos núcleos udevistas, existe um arco verde acima da cadeira do mestre dirigente, que contém algumas figuras desenhadas em amarelo (estrelas de cinco pontas e dois cometas). Dentro do arco fica escrita a frase: “Estrela Divina Universal UDV”. Na SEUDV, portanto, verificamos a ausência desse arco.

12. A bebida xamânica ayahuasca é produzida a partir da decocção de duas plantas amazônicas; o cipó marirí (*Banisteriopsis caapi*) e as folhas da chacrona (*Psychotria viridis*).

13. O cipó possui os derivados beta-carbolínicos da harmina, tetrahydroarmina e harmalina como alcalóides principais. A folha da outra planta que incrementa a mistura, a chacrona, possui a N,N-dimetiltriptamina, conhecida por “DMT, a molécula espiritual” (Schultes, 1986; Ott, 1994 e Strassman, 2001). Essas substâncias, quando combinadas e ingeridas, produzem efeitos diversos, interpretados como vôos e jornadas xamânicas.

14. Durante a pesquisa de campo foram dedicados à SEUDV os meses de novembro do ano de 2007, janeiro, fevereiro e março de 2008.

15. Na SEUDV verificamos a ausência do uniforme.

16. A conselheira tem permissão para dirigir uma sessão. A única mulher na União do Vegetal a obter o título de “mestre” na doutrina foi a esposa do mestre Gabriel a mestre Pequeninina.

17. Ouvir o mestre Gabriel falar, quer dizer que o informante teve acesso a algumas gravações em áudio com a voz do mestre e que normalmente circulam entre os udevistas. Durante as sessões na SEUDV é comum ouvir essas gravações que reforçam os princípios doutrinários ditos pelo próprio mestre Gabriel.

18. No terceiro capítulo da minha dissertação de mestrado abordei a forma peculiar com a qual o Vegetal ensina seus adeptos. Algumas fases precisam ser superadas pelo oasqueira iniciante, para que ele atinja o grau maior dos ensinamentos do Vegetal encarado como burracheira. As fases foram demarcadas no intuito analítico de acompanharmos a preparação dos “alunos” para receber e captar mais precisamente as “informações” do Astral Superior. Maiores detalhes consultar Lira (2009, pp. 97-137).

19. De fato não foi possível entrevistar o líder dessa dissidência udevista durante a pesquisa, por isso não posso afirmar se o CEUDV, liderado pelo mestre Asplinger, recorreu também à legitimidade carismática durante o surgimento do núcleo, porém a proximidade com a tradição é evidente, pois mesmo as insígnias UDV foram reivindicadas e mantidas diante da denominação deste novo centro oasqueira.

20. Refere-se ao documento elaborado no ano de 1992 pelas principais linhas religiosas que comungam esse chá, na tentativa de regulamentar seu uso a partir da estruturação de normas, valores e formas restritas de consumo. Maiores detalhes consultar; Goulart (2004, pp. 269-270), Labate (2004, pp. 135-136), MacRae (2005, p. 480) e Lira (2009, p.32).

ABSTRACTS

Este artigo representa o segundo capítulo da dissertação intitulada; Os trajetos do êxtase dissidente no fluxo cognitivo entre homens, folhas, encantos e cipós: uma etnografia ayahuasqueira nordestina, onde tive a oportunidade de investigar dois grupos ayahuasqueiros dissidentes; a Sociedade Espiritualista União do Vegetal (SEUDV) localizada no município de Riacho das Almas (PE) e o Centro de Harmonização Interior Essência Divina (CHIED) situado no

distrito de Riacho Doce (AL). O direcionamento dessa comunicação está relacionado às mobilizações institucionais da SEUDV pernambucana, a partir da análise do histórico dessa irmandade oasqueira específica, que tem como referencial doutrinário os princípios do mestre José Gabriel da Costa. Para tal, acompanharemos parte dos acordos, conflitos e dissipações inerentes ao surgimento de novos grupos imersos no campo religioso da ayahuasca, na tentativa de compreender os processos de alegação da legitimidade, diante da relativa legalidade institucional e espiritual dos ayahuasqueiros dissidentes.

INDEX

Palavras-chave: ayahuasca, dissidência, legitimidade

AUTHOR

WAGNER LINS LIRA

UFPE - Universidade Federal de Pernambuco. Programa de Pós Graduação em Antropologia.